

Fatores influenciadores e inibidores do desenvolvimento de ações ofensivas em superioridade numérica 7x6 em Andebol

Influencing and inhibiting factors in the development of numerical superiority offensive actions 7x6 in Handball

Factores de influencia e inhibición del desarrollo de acciones ofensivas en superioridad numérica 7x6 en Balonmano

João Branco, António Manuel Azevedo, Paulo Eira, Rafael Ribeiro
Instituto Politécnico de Viseu (Portugal)

Resumo. Introdução: A evolução da modalidade de Andebol tem promovido a sua complexificação, pelo que os treinadores tentam atenuar os efeitos que a diversidade de variáveis poderá causar na obtenção do sucesso das suas equipas. Assim, a criação de um plano estratégico para cada jogo ultrapassa os campos teórico e ideológico do treinador. Objetivos: Aferir acerca da percepção dos treinadores no que concerne a fatores influenciadores e inibidores da opção pelo desenvolvimento de ações em superioridade numérica 7x6. Métodos: Foi concebido um guião de entrevista semiestruturada, cujas categorias foram definidas a priori. Resultados: A utilização das ações em superioridade numérica 7x6 deve-se às dificuldades sentidas na criação de situações de finalização em igualdade 6x6, à necessidade de baixar o ritmo de jogo e de diminuir o contacto entre os defensores e os atletas da primeira linha ofensiva e à necessidade de contrariar sistemas defensivos profundos com marcação individual. Os entrevistados restringem ou inibem a utilização das ações 7x6 pela insuficiência de volume e frequência de treino das mesmas, pela sua utilização em momentos nos quais o resultado se encontra equilibrado ou frente a equipas rápidas a explorar as várias formas de transição ofensivas. Conclusões: Dada a incerteza do contexto de competição, não existe uma fórmula específica para tentar resolver os detalhes que o jogo desvenda. Os entrevistados consideram a tomada de decisão fundamental para o sucesso. A forma como o treinador analisa o comportamento da sua equipa e o da equipa adversária exerce influência nas decisões tomadas pelos atletas.

Palavras-chave: Andebol; Estratégia; Jogo em superioridade numérica; Organização; Treinadores.

Abstract. Introduction: Handball's evolution has promoted its complexification, so coaches try to mitigate the effects that the diversity of variables can cause in obtaining the success of their teams. Thus, the creation of a strategic plan for each game goes beyond the theoretical and ideological fields of the coach. Objectives: To assess the perception of coaches regarding influencing and inhibitors factors for the development of actions in numerical superiority (7x6). Methods: A semi-structured interview script was designed with predefined categories. Results: The use of actions in numerical superiority 7x6 is due to the difficulties felt in creating finishing situations in numeric equality (6x6), the need to lower the game's pace and reduce contact between defenders and athletes of the first offensive line and the need to counter deep defensive systems with individual marking. The interviewees restrict or inhibit the use of 7x6 actions due to the insufficiency of their training volume and frequency and when the result is balanced or against fast teams exploring the various forms of offensive transition. Conclusion: Given the competition game's uncertainty there is no specific formula to try to solve the details that the game unravels. Respondents choose decision-making as a key element for success in each game. The way the coach analyzes the behavior of his team and that of the opposing team exerts a huge influence on the decisions made by the athletes in the game.

Keywords: Coaches; Handball; Game's numerical superiority actions; Organization; Strategy.

Resumen. Introducción: La evolución de Balonmano ha promovido su complejización, por lo que los entrenadores tratan de mitigar los efectos que la diversidad de variables puede causar en la obtención del éxito de sus equipos. Así, la creación de un plan estratégico para cada partido va más allá de los campos teóricos e ideológicos del entrenador. Objetivos: Evaluar la percepción de los entrenadores a respecto sobre los factores de influencia e inibidores de la opción para el desarrollo de acciones en superioridad numérica 7x6. Métodos: Se diseñó un guión de entrevista semiestructurado, cuyas categorías fueron previamente definidas. Resultados: El uso de acciones en superioridad numérica 7x6 se debe a las dificultades sentidas en la creación de situaciones de finalización en igualdad 6x6, la necesidad de bajar el ritmo de juego y reducir el contacto entre defensores y atletas de la primera línea ofensiva, así como la necesidad de contrarrestar sistemas defensivos profundos con marcaje individual. Los entrevistados restringen o inhiben el uso de acciones 7x6 debido a la insuficiencia de su volumen y frecuencia de entrenamiento, su uso en momentos en que el resultado es equilibrado o contra equipos rápidos que exploran las diversas formas de transición ofensiva. Conclusiones: Dada la incertidumbre relacionada con el contexto del juego y la competición, no existe una fórmula específica para tratar de resolver los detalles que el juego desentraña. Los encuestados eligen la toma de decisiones como un elemento clave para el éxito en cada juego. La forma en que el entrenador analiza el comportamiento de su equipo y el del equipo contrario ejerce una gran influencia en las decisiones tomadas por los atletas en el juego.

Palabras Clave: Balonmano; Entrenadores; Estrategia; Juego en superioridad numérica; Organización.

Fecha recepción: 06-04-23. Fecha de aceptación: 15-07-23

António Manuel Azevedo
toazevedo@esev.ipv.pt

Introdução

Na sua dimensão identitária e estrutural, os Jogos Desportivos Coletivos (JDC) assentam numa matriz dialética de cooperação-oposição. (Teodorescu, 1984). O mesmo autor salienta que o fator de cooperação é o fator que permite aos elementos de uma determinada formação suplantar a oposição realizada pelas ações dos elementos da formação adversária. Santos (2004) acrescenta que em ambos estes fatores, para atingir o sucesso na execução de determinada ação, os jogadores estabelecem relações de comunicação e contra comunicação, de acordo com os papéis que assumem em

cada fase e momento do jogo.

O jogo de Andebol, ao desenvolver-se em contextos de grande instabilidade e incerteza (Sousa, 2020), solicita dinâmica, adaptação e velocidade de execução nas ações que decorrem dos atletas. A tomada de decisão é constantemente influenciada por uma panóplia de variáveis de inerte mutação, dentro de uma multiplicidade de possíveis soluções e desfechos, com o intuito de resolver os problemas criados pelo próprio jogo. Prudente (2006) aponta à caracterização do Andebol como desporto coletivo de invasão, no qual as ações de jogo ocorrem em ambiente interativo.

Este “jogo de enganos” é extensível para a atividade do treinador. Hodiernamente, no âmbito da abordagem aos contextos formais de competição, a maior parte dos treinadores define no seu plano de jogo todo um conjunto de ações, decorrentes do seu modelo de jogo ou da observação dos adversários, com vista à otimização das características e das mais-valias individuais, grupais e coletivas dos seus atletas, à exploração das fraquezas do adversário e à mitigação dos seus pontos fortes, ou das ações nas quais a sua equipa não se encontra com satisfatórios indicadores de proficiência ou eficácia. Nestas abordagens ao contexto formal de competição, sobretudo em momento prévio, os treinadores traçam um conjunto de diretrizes e formas de atuação que visam maximizar as formas de jogo que aproximarão a equipa do sucesso face às características do adversário em questão, enquanto tendem a dissimular as principais fraquezas das suas formações face aos seus adversários.

O estabelecimento de um plano de jogo para determinada partida ultrapassa largamente os campos teóricos e ideológicos do treinador, na medida em que não decorrem somente das ideias de jogo plasmadas pelo treinador no modelo de jogo ou das suas convicções em relação às características dos seus jogadores, ou dos objetivos que este visa atingir na preparação dos atletas nas várias vertentes ou dimensões do jogo. O estabelecimento de um plano de jogo também decorre igualmente, por um lado, da análise e do questionamento sucessivo que este realiza à evolução do seu processo de treino, e à resposta dos atletas aos estímulos que este induz, e, noutra vertente, da observação e análise do comportamento do adversário em contexto competitivo. Noutro prisma, o estabelecimento de um plano de jogo, isto é, de uma abordagem estratégica ao jogo, ultrapassa as fronteiras da mera estratégia, para o campo do próprio processo de treino.

Muitos são os atuais treinadores que, no seu microciclo semanal, dispõem de pelo menos uma unidade de treino para a operacionalização das combinações táticas e das ações técnico-táticas individuais ofensivas idealizadas para a consumação dos seus objetivos ofensivos, e\ou inclusive para a replicação em contexto de treino das principais combinações realizadas pelo adversário. Tais esforços permitem ao treinador induzir no seio do seu grupo os comportamentos ou as estratégias que aproximarão a equipa do sucesso defensivo ou em último caso, encontrar estratégias no seio do grupo para o efeito, através das informações de retorno que podem ser emitidas pelos seus atletas. Noutra vertente, na nossa opinião, estas abordagens permitem a aquisição por parte dos atletas de um nível de conhecimento superior do adversário, facto que contribui amplamente para o sucesso.

A possibilidade de defender com menos um elemento de campo em relação ao número de atacantes de campo apresentados pela formação adversária é uma das fraquezas pelas quais poderá passar uma equipa de Andebol em virtude das disposições contidas num dos elementos da sua lógica interna do jogo, o(s) seu(s) regulamento(s). Não é unânime que todas as formações tenham nestas relações de desigualdade numérica os seus pontos fracos, visto que ao

longo dos tempos o conhecimento produzido sobre o jogo já oferece diversas abordagens para estes momentos de jogo. A maior frequência com que se tem sucedido estas ações no Andebol, principalmente no âmbito das principais competições internacionais da modalidade, têm obrigado os treinadores a olhar para os momentos de desigualdade numérica, tanto na sua vertente de inferioridade numérica, como na sua vertente de superioridade numérica, como variáveis que diferenciam as equipas vitoriosas das restantes equipas (Pueo & Espina-Agullo, 2017).

Di Gilio (2021) afirma que a possibilidade de atacar em superioridade numérica com o recurso a 7 jogadores de campo foi uma prática realizada no Jogo de Andebol desde a década de 1980. Contudo, segundo o autor, essa prática era essencialmente utilizada pelos treinadores no final da partida, normalmente nas últimas posses de bola, para recuperar de uma desvantagem no marcador de modo a empatar ou vencer uma partida através da substituição de um guarda-redes por um jogador de campo especialista na realização de ações 7x6 em processo de ataque. Os elevados riscos que a operacionalização desta prática comportava no passado, em especial no período antecedente às novas disposições regulamentares elaboradas pela *International Handball Federation* (IHF) no ano de 2016, cumpriam um efeito dissuasor quanto à sua utilização, não obstante o facto desta regra poder ser otimizada em contexto de treino com a realização das substituições Ataque-Defesa estabelecidas previamente no modelo de jogo da equipa.

A eliminação desse constrangimento regulamentar ofereceu novos aportes e novos problemas táticos aos treinadores, problemas para os quais estes naturalmente procuraram respostas (Di Gilio, 2021) de modo a poder aproximar a forma de jogar da sua equipa dos mais altos níveis de eficácia. Essa tem sido uma razão que tem justificado o maior uso no âmbito da investigação de estudos de ordem mais qualitativa com recurso à entrevista a treinadores (Di Gilio, 2021). A constante evolução que o jogo tem sofrido principalmente nas suas dimensões técnica, física e tática força os treinadores a compreender as principais mudanças nas estruturas do jogo (Di Gilio, 2021), assim como a desenvolver um manancial de estratégias que permitam travar de forma eficaz a oposição que é estabelecida pelo adversário. Naturalmente, não bastará uma única e simples estratégia para travar determinada ação. Rica será a formação que, para cada problema, apresentar várias soluções para a sua resolução. Ainda mais rica será, na nossa opinião, a formação na qual, para a resolução dos problemas que emergem do jogo, os jogadores possuam algum grau de autonomia em relação ao treinador, isto é, a capacidade de resolver os sobreditos problemas com as soluções que lhes são induzidas pelo treinador, com soluções derivadas dos seus recursos técnicos, táticos e físicos, com soluções derivadas da experiência acumulada ao longo da sua prática ou com soluções criativas advindas de tomadas de decisão em contexto competitivo.

Estas últimas são particularmente úteis para o treinador na medida em que aumentam o seu aporte de conhecimento

processual para a sua aplicação em momentos futuros. O contrário, ou seja, a aplicação de uma única solução apenas terá o condão de aumentar a previsibilidade da forma de jogar da equipa. Recordamos, a propósito do desenvolvimento da ideia que aqui apresentamos, que um dos princípios gerais da tática coletiva ofensiva é o da variabilidade das ações. De acordo com Santos et al. (2015) a aplicação deste princípio por parte dos jogadores impede a adaptação da defesa adversária (diminuindo o grau de previsibilidade da formação que ataca), enquanto representa o antídoto para a formação de atletas com soluções mais criativas, em oposição a um indesejável a um estilo de jogo mecanizado e, como tal, previsível.

Esses novos aportes estratégico-táticos decorrentes da modificação operada ao Ponto 1 da Regra 4 do Jogo de Andebol (IHF, 2016) forçaram os atletas a alterar os seus comportamentos nessas situações, de forma a adaptar-se às missões e funções que lhes eram exigidas na fase de jogo concreta e após o desfecho desta, ou seja, na fase de transição defensiva. Em termos práticos, esta alteração permitiu aos treinadores olhar para o modelo de jogo da sua equipa, para as combinações trabalhadas na fase de ataque e para as próprias características dos jogadores, de modo a perceber quais os atletas que podem gerar mais-valias na execução destas situações de jogo, as funções que deverão desempenhar nestas ações, os meios táticos que deverão empregar para criarem situações de finalização, as zonas do terreno em que deverão ser criadas situações de superioridade e de finalização, e por último, quais os jogadores que asseguram uma maior eficácia ao nível da transição Ataque-Defesa, principalmente nos momentos de perda de posse sem que tivesse existido a criação de uma situação de finalização.

Todos estes elementos do “pulsar tático do jogo” obrigaram os jogadores a alterar os seus padrões comportamentais nestas situações de jogo, adaptando-se à nova realidade estratégica (Prudente, 2006). Piovesan et al. (2020) salientam, neste âmbito, que a adoção dessa estratégia redundou numa alteração na própria relação que as equipas estabelecem dentro de campo. Segundo os autores, tal foi motivado essencialmente pela nova redistribuição destes pelo terreno de jogo, facto que possibilitou a criação de mais espaços produtivos a existência de zonas do terreno de jogo com maior vulnerabilidade defensiva. A adaptação dos jogadores a esta nova realidade estratégica, levou autores como Prudente et al. (2019) a investigar acerca da relação numérica em situações de ataque em sistema e o comportamento tático dos jogadores do posto específico de central. No estudo em concreto, os autores concluíram que os padrões de comportamento exibidos pelos jogadores do posto específico de central alteram-se conforme a configuração da situação de desigualdade numérica.

Esta alteração motivou igualmente os autores a concluir que o novo conhecimento oferecido pela alteração dos padrões comportamentais dos jogadores do posto específico de central poderá oferecer não só aos treinadores mais perspectivas das variáveis contextuais sobre as situações de desigualdade numérica como incentivá-los, de acordo com a

leitura efetuada por cada um, a explorar novas funções para os atletas do posto específico de central e de outros postos específicos (Prudente, et al., 2019). Di Gilio (2021) Sublinha que os treinadores de elite necessitam cada vez mais de compreender os aspetos estratégicos, táticos e técnicos do jogo, visto que são estes os problemas que influenciam a sua prática. Piovesan et al. (2020) concordam com esta ideia, afirmando que a forma de jogar das equipas como resultado das ideias preconizadas pelo treinador no modelo de jogo são altamente dependentes do conhecimento que este possui relativamente às várias variáveis do jogo.

A necessidade de constituir uma forma de jogar – preconizada no modelo de jogo adotado – que seja suscetível de causar dificuldades aos adversários e desvendar as suas estratégias, de modo a esconder as principais fraquezas da sua formação, leva a que estes problemas práticos do jogo exerçam uma enorme influência na preparação desportiva das equipas. Os conteúdos idealizados para as sessões de treino deverão ser conteúdos passíveis de gerar adaptações no rendimento dos atletas face ao que estes vão enfrentar no contexto de jogo. A respeito da falta de preparação evidenciada por uma seleção nacional à distinta forma de jogar de outra, Kovacs (2020) mencionou no seu Relatório de Análise ao desempenho das formações presentes no Campeonato da Europa de 2020, o facto da seleção sueca não ter conseguido encontrar soluções para travar as investidas ofensivas lusas no 7x6 utilizado.

Durante a leitura das obras que compõem a revisão da literatura sobre esta temática em particular, constatamos que vários tem sido os autores a apresentar o seu lamento pelo facto de ainda não terem sido publicadas referências bibliográficas que permitam contextualizar e caracterizar as ações desenvolvidas no sistema 7x6 em ações desenvolvidas no âmbito da fase ofensiva de jogo de ataque em sistema. Os treinadores entrevistados por Di Gilio (2021) defenderam que na esteira da maior utilização destas ações, é necessária a disponibilização de informação que permita aos treinadores atentar aos aspetos técnicos, táticos e estratégicos destas ações, visto que a existência desses dados permite a realização das indispensáveis reflexões sobre a sua operacionalização de forma a “reduzir erros técnicos, identificar as alternativas no contexto de jogo e entender os momentos adequados para utilizar” (Di Gilio, 2021, p.37).

Damboriena (2017) e Bonjour et al. (2021) afirmam igualmente que, face à maior frequência com que são utilizadas estas ações pelos treinadores, constitui-se como necessária a existência de mais literatura sobre este tema. Maroja et al. (2020) advogam que as alterações decorrentes das novas abordagens de natureza estratégico-tática motivadas por alterações regulamentares geram repercussões, visto alterarem a dinâmica dos Jogos. Por conseguinte, os autores consideram que é necessário compreender a alteração das dinâmicas do jogo e os efeitos gerados por essas ações, desiderato para o qual efetivamente contribuiu o seu estudo. Nas linhas de pensamento anteriores, o presente estudo visa explorar a caracterização das ações supramencionadas no âmbito das dimensões tática e técnica do Jogo de Andebol,

assim como a sua operacionalização em contexto de treino. Desta forma, pretendemos aferir acerca da perceção dos treinadores no que concerne aos fatores que os impelem e inibem a optar pelo desenvolvimento de ações em superioridade numérica 7x6.

Método

A temática e objetividade do estudo conduziram ao emprego de um processo de índole qualitativa por apresentar, entre outras vantagens, a de recolher informação que não se julga possível de obter noutras fontes (Santos & Lima, 2019). Trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações dos treinadores e nas interações com as suas equipas, admitindo que existem múltiplas realidades sob a forma de construções mentais e sociais, experiencialmente localizadas e que dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas são vividas (Tuckman, 2012; Mertens, 1998; Cresweel, 1998; Guba, 1990). Com o intuito de obter *insights* e ideias acerca dos problemas a serem investigados no futuro, procedeu-se a um estudo exploratório para promover o aumento da compreensão da temática em questão e, paralelamente, melhorar o entendimento das questões a formular nas etapas seguintes, legitimando uma amostra de menor dimensão.

Participantes

Foram, inicialmente, pré-selecionados 3 treinadores a exercer funções na temporada desportiva de 2021\2022, nos escalões de seniores masculinos de clubes que militam nas duas principais divisões do sistema competitivo da modalidade no nosso país. Dos três técnicos entrevistados, dois são cidadãos nacionais e um possui a cidadania de um Estado-Membro da União Europeia. Dois dos três técnicos desportivos entrevistados possuem a mais alta qualificação técnica internacional da European Handball Federation (EHF): a EHF Pro License. Um dos treinadores entrevistados encontra-se atualmente a levar a cabo o estágio para a obtenção do Título Profissional de Treinador de Desporto (TPTD) de Grau III, título que irá alcançar no final da presente temporada desportiva. Duas das formações analisadas militam na presente temporada desportiva no Campeonato Nacional de Andebol 1 (PO01) do escalão de Seniores Masculinos. A terceira formação analisada no presente estudo competiu na presente temporada desportiva no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão de Seniores Masculinos (PO02).

Instrumentos de recolha de dados

Na medida em que se pretendeu analisar opiniões, atitudes e representações dos participantes, recorreu-se à técnica de entrevista que, nesta ocasião, representa o meio privilegiado para aferir acerca do contexto social e emocional dos entrevistados (Santos & Lima, 2019). Optou-se pela tipologia semiestruturada, tendo sido construído um guião-referencial para a colocação de questões abertas, de modo que a entrevista não decorresse, nem de forma rígida, nem

totalmente livre, ao mesmo tempo concedendo liberdade ao entrevistado para apresentar as suas respostas de forma natural e com linguagem mais informal. O guião apresentou duas dimensões que visam perspetivar: (i) fatores influenciadores do desenvolvimento de ações em superioridade numérica 7x6; (ii) fatores inibidores do desenvolvimento de ações em superioridade numérica 7x6. Posteriormente, procedeu-se à análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2009, p. 49), se define como “um conjunto de técnicas de análise de comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens”. A análise de conteúdo é, portanto, uma técnica de tratamento de dados recolhidos a partir da realização de entrevistas que visa ajudar o investigador a descrever e a interpretar o que foi narrado pelo entrevistado, salientando os pontos fortes da sua narrativa acerca da temática em estudo.

Procedimentos

Os pedidos de colaboração foram enviados por carta aos clubes nos quais os três técnicos exercem funções, de modo a poder obter igualmente a anuência das instituições para o efeito. No conteúdo das cartas prestou-se a apresentação do tema do estudo, o enquadramento do procedimento metodológico a aplicar no âmbito dos objetivos do estudo e a descrição pormenorizada das condições de entrevista e inerentes condutas relativas à análise, nomeadamente a salvaguarda do anonimato e confidencialidade de todos os intervenientes, a escolha da data da entrevista, a duração máxima e formato da entrevista, o pedido para a autorização da gravação da entrevista para efeitos de validação da mesma, o envio de uma cópia do ficheiro do áudio da entrevista e do estudo para aferição da sua validade relativa às informações do estudo. Por razões de salvaguarda da confidencialidade da identidade das formações analisadas, dos seus técnicos e dos dados recolhidos, as 3 formações foram alvo de uma codificação e numeração (aleatória) para o presente estudo. Com efeito, os treinadores serão doravante designados pelas seguintes siglas “T1”, “T2” e “T3”.

Apresentação e discussão dos resultados

Quando confrontados com a primeira dimensão de análise (recurso às ações desenvolvidas em superioridade numérica), os entrevistados demonstraram-se sucintos nas respostas conferidas, apontando três principais motivos que, na sua opinião, influenciam a opção destas ações por parte dos seus atletas: (i) baixar a disposição defensiva adversária para diminuir a sua profundidade; (ii) diminuir o ritmo de jogo; (iii) resolver a existência de eventuais problemas no ataque organizado em igualdade numérica 6x6 para dar “conforto” aos seus atletas.

O T1 transpareceu possuir um conjunto de ações ofensivas estruturadas para os momentos de maior adversidade ou maior insucesso sentidos pelos seus atletas, não obstante o facto de ter sublinhado que o “ataque organizado da sua equipa, no geral, funcionava”. O termo “conforto” foi

ressalvado pelo técnico em duas questões. Para o efeito, acreditamos que a existência de várias combinações táticas ou até mais de um plano estratégico que possa ser utilizado no decurso do jogo consoante o resultado, aliado a um conjunto de combinações nas quais, em contexto de treino, tenham sido comprovados a eficácia e grau de adaptabilidade dos atletas às suas ações técnico-táticas pode, no âmbito de um score negativo, dar aos atletas e devolvê-los a maiores índices de confiança.

O T2, por sua vez, admite o recurso às ações desenvolvidas em superioridade numérica nas seguintes situações de jogo (ou da própria temporada): (i) nos momentos do jogo em que os seus atletas sentem mais dificuldade no desenvolvimento das fases de ataque em 6x6; (ii) para dar descanso em contexto de jogo aos atletas, nos momentos da temporada em que estes se encontram mais fatigados; (iii) para diminuir o contacto direto entre os atletas da primeira linha ofensiva e os defensores; (iv) perante qualquer sistema defensivo. “Em algumas ocasiões, iniciei estas ações quando os jogadores estão algo cansados. O 7x6 não tem uma componente tão física. Para alguns jogadores as ações 6x6 são agressivas do ponto de vista físico. Sim! Se reparar, em situação de jogo, as ações 7x6 não possuem muito contacto para os laterais. Só os pivots é que estão mais expostos a situações de contacto.”

Depreendemos que a quase ausência de contacto entre os defensores e os atletas da primeira linha defensiva é, no âmbito do fator de rendimento físico, uma das grandes diferenças entre as ações desenvolvidas em igualdade numérica 6x6 e as ações desenvolvidas em superioridade numérica 7x6.

No que concerne ao terceiro fator apresentado, o T2 refere que a sua equipa não altera a forma de jogar perante qualquer adversário e afirmou possuir soluções para todos os tipos de sistemas defensivos utilizados para o adversário: “Como terceiro fator apresento o facto da nossa formação não mudar a sua forma de jogar mesmo quando joga contra equipas que são muito ativas do ponto de vista tático. Nós procuramos ser agressivos do ponto de vista ofensivo contra formações que alinham nos sistemas defensivos 3x2x1 e 5x1...”

Já o T3 afirmou que a utilização das ações 7x6 não é uma prioridade na sua equipa, mas antes um recurso que pode ser exercitado perante um conjunto de adversidades que emergem do contexto de jogo. No mesmo discurso, alinhado com os restantes entrevistados, evidenciou a dificuldade em criar situações de golo claras nas ações em igualdade numérica 6x6, sobretudo frente a defesas agressivas atuantes nos sistemas defensivos mistos 5+1 ou 4+2.

No que se volta à segunda categoria, isto é, aos fatores que inibem ou restringem a opção pelo desenvolvimento de ações em superioridade numérica 7x6, os entrevistados reportaram dificuldades de natureza física e tática em contexto de jogo. O T1 revelou que a não utilização destas ações se justifica pelo facto de a sua correta e eficaz operacionalização não estar sedimentada em contexto de treino, ou seja, das rotinas de jogo não estarem suficientemente vivenciadas e experienciadas pelos seus atletas: “Numa fase

inicial, era um pouco o treino das mesmas. Não estou a falar do momento do jogo propriamente dito. Eu acho que para se utilizar o 7x6, o momento tem que estar bem esquematizado e bem preparado... o fator que inibe... Um dos fatores que inibe é a frequência de treino, portanto, é um momento de jogo que é treinável e tem que ser treinado e esse é o aspeto fundamental.”

O entrevistado adicionou, como fator inibidor, o score, isto é, o equilíbrio que marcasse o decurso da tendência do resultado ao longo da partida: “...nós utilizámos quase sempre o 7x6 em situações de risco, ou seja, nunca nos sentimos muito confortáveis em utilizar o 7x6 em jogos que estavam equilibrados, portanto, o que nos inibia ou restringia num momento do jogo era o facto de o jogo estar equilibrado. O facto de o jogo estar equilibrado inibia-nos a utilização porque achávamos que não compensava o risco, porque estávamos a conseguir disputar o jogo.”

Por seu lado, o T2 referiu não recorrer a este tipo de ações no confronto com equipas que facilmente exploram a ausência do guarda-redes na baliza através de remates decorrentes de ressaltado gerado por uma defesa do guarda-redes, por erro no passe, pela violação a uma regra do jogo cometida por um atleta ou frente a equipas que exploram ações de rápida reposição de bola no terreno de jogo (vulgo “contra-golo”): “Não opto pelo uso destas ações contra formações que são rápidas a castigar-nos com remates à baliza. Se estas equipas conseguirem alvejar rapidamente a baliza, deserta, o fracasso poderá retirar a confiança à minha equipa... até ao momento, não recorro quando cometemos erros no ataque que nos levam à perda da bola. Se não consegues finalizar, essas equipas poderão alvejar muitas vezes a baliza. A tua equipa começa a ter mais medo de errar, de perder a bola. Acabam por ser situações em que a perda da bola gera um golo fácil, visto que o guarda-redes não está na baliza.”

O T3 demonstrou coerência no seu discurso, em consonância com o referido na questão anterior, reforçando que o desenvolvimento das ações em superioridade numérica 7x6 não são uma prioridade, mas um recurso a desenvolver para resolver as pontuais dificuldades existentes na criação de situações de golo em ações desenvolvidas em igualdade numérica 6x6, pois se o ataque convencional em igualdade numérica 6x6 tiver eficácia, não corre o risco de substituir o seu guarda-redes para promover a entrada de um sétimo jogador de campo: “...se o meu ataque estiver a funcionar no 6x6, em ataque convencional, eu não tenho necessidade de utilizar o 7x6 porque envolve sempre um certo risco o facto de não termos o guarda-redes na baliza. É sempre um risco! Apesar de termos mais um jogador de campo, se a defesa adversário não nos estiver a colocar as dificuldades que eu entenda suficientes para mudar de sistema ofensivo, então eu sou fiel ao 6x6.”

Ainda no âmbito desta dimensão, indagaram-se os entrevistados acerca da utilização das ações de superioridade numérica em momentos específicos do jogo, como: (i) o primeiro ataque em sistema realizado na partida; (ii) os momentos da partida em que o score é favorável e; (iii) no último ataque da sua formação na partida.

No que concerne à possibilidade da utilização de uma ação em superioridade numérica ofensiva 7x6 no primeiro ataque em sistema realizado pela equipa na partida, ou seja,

imediatamente após o apito de saída ou na primeira oportunidade conferida pelo decurso do jogo para o efeito, visando testar o grau de conforto ou desconforto do adversário no âmbito do seu comportamento defensivo a este tipo de ações, T1 e T3 referiram que nunca o fizeram: “*Não, nunca o fiz. Não me lembro de o fazer, mas percebo a pergunta. Ainda agora nos quartos-de-final da Champions, o Veszprém... fez no primeiro ataque o 7x6... depois não atacou mais, mas permitiu... deu um alerta, vocês vejam o que é que querem realmente utilizar na vossa defesa porque nós temos já aqui o 7x6 preparado*” (T1).

Referente ao fator *score*, T2 e T3 responderam afirmativamente. O T2 demonstrou não ter receio em explorar estas ações quando a sua formação se encontra em vantagem no marcador. Já T1 demonstrou ser mais cauteloso na utilização destas ações, reafirmando os momentos específicos nos quais opta pelo seu desenvolvimento: “*Não, só como resposta a alterações no comportamento estratégico do adversário, nomeadamente para situações de profundidade da defesa. Mas eu cheguei a utilizar o 7x6 a ganhar por 2 ou 3 golos para dar segurança à equipa. Já não me lembro quando, penso que no jogo com o Clube B.H.*”

Pudemos ainda deslindar, junto do T1, outros momentos de jogo nos quais as circunstâncias verificadas urgiram a necessidade da escolha pelas ações 7x6. Num jogo frente a um dos principais clubes do seu campeonato, T1 afirmou ter optado pela realização deste tipo de ações para: (i) baixar o ritmo de jogo, (ii) recuperar de uma desvantagem acentuada sofrida nos primeiros minutos de jogo que permitisse à formação entrar no jogo e (iii) para dar estabilidade, confiança e segurança à equipa após um início de jogo mais desafortunado no capítulo da finalização: “*...com o Clube P. foi claramente! Não isoladamente, atenção! Nós jogámos com o Clube P. em casa, o Clube P. começou-nos a ganhar por 6, estava com um ritmo de jogo muito elevado. A nossa equipa era uma equipa que jogava, aliás, este ano continuou a jogar muito bem em ataque organizado no 6x6 e nós não precisávamos de um ritmo de jogo muito elevado porque o ataque organizado funciona. Mas o Clube P. estava com um ritmo muito alto, com a defesa muito forte. E nós pedimos um timeout e dissemos “vamos meter o 7x6”—primeiro para resolvermos algumas questões de ataque organizado que não surgiam, porque o guarda-redes A. estava como habitualmente ali a fechar metade da baliza, e estava a criar essa dificuldade. E às vezes o 7x6 para a parte psicológica dos jogadores também é importante porque o jogo não nos está a correr bem, mas o 7x6... eles não se apercebem que estão a falhar, o problema está no guarda-redes adversário... “mudamos a tática coletiva e passámos do 6x6 para o 7x6...sim, se calhar o nosso problema é o ataque organizado e com o 7x6 já vamos conseguir... e nem se lembram do que estavam a falhar! Não é só marcar! E o que é certo é que recuperámos, e íamos empatados ao intervalo... recuperámos aí 5 ou 6 golos. O 7x6 também obrigou a termos um ataque mais pausado, porque quando se começa a perder por alguns golos, também se começa a precipitar ações. O 7x6 trouxe-nos essa... não foi para descansar porque o jogo estava no seu início, mas trouxe-nos essa tranquilidade e esse jogo mais pausado sem acelerar as tomadas de decisão e fazer ataques mais curtos que é o que acontece quando se começa a perder por muitos. Conseguimos equilibrar o jogo, conseguimos equilibrar*

até aos últimos 10 minutos, mas depois, ali contra a força também não há argumentos”.

A presente declaração corrobora dois dos fatores utilizados pelo técnico para a utilização das ações em superioridade numérica 7x6: baixar o ritmo em determinados jogos, quando a redução da velocidade a que está a ser disputada a partida é benéfica para a prossecução dos objetivos estabelecidos pela equipa e para adicionar o “conforto”, ou seja, a indispensável segurança aos atletas na disputa inicial da partida, não pela dificuldade em criar situações de golo em ações em ataque organizado, mas pela falta de eficácia demonstrada na hora de atirar à baliza.

A última questão desta dimensão revelou-se provocadora, no sentido de testar os limites da utilização das ações 7x6 visto que a utilização das ações em superioridade numérica ofensiva, no decurso de partidas equilibradas ao nível do *score*, é uma questão fraturante e que efetivamente distingue treinadores, cuja personalidade mais agressiva os impele a arriscar tudo para vencer e os treinadores que revelam mais cautelas neste sentido. Com efeito, solicitámos aos treinadores que imaginassem um cenário no qual, a 20 segundos do final de uma partida, as suas formações estivessem empatadas com as formações adversárias. Nesse momento, o treinador poderia pedir um desconto de tempo à mesa para instruir os atletas à realização de uma determinada combinação tática e/ou situação especial no desenvolvimento de uma ação em superioridade numérica 7x6. Após a explicação da situação concreta, questionámos os treinadores se admitiriam a hipótese de utilizar uma ação 7x6 num cenário desta tipologia.

O T1 afirmou prontamente a coragem e a vontade de arriscar na utilização destas ações para vencer a partida se a sua formação estivesse, naquele momento de jogo a perder, frisando que a sua coragem, a sua vontade de correr o risco, a sua confiança se contagiava aos atletas. Se o jogo estivesse empatado e o empate fosse satisfatório na partida em causa para os objetivos traçados pela equipa, o treinador mostrou-se mais reservado na utilização das ações em 7x6: “*Eu arrisco sempre! Se estiver empatado... Eu por exemplo estava empatado em B. com o Clube A. no ano passado, mas tinha um jogador a menos e não utilizei sequer o 6x6, porque eu estava satisfeito com o empate. Eles queriam ganhar, mas eu estava satisfeito com o empate. Mas por exemplo, em casa com o Clube M. a perder por 1, não era empatado, a 20 segundos do fim pedi timeout e utilizei o 7x6. (...) eu arrisco sempre! Eu nunca tenho medo de arriscar! Arrisco sempre. Arrisquei há dois anos com o Clube V. também e arrisco sempre! Não tenho medo nenhum... agora é assim, se o empate, se eu estiver satisfeito com o empate, não arrisco. Quer dizer, se eles meterem profundidade à defesa, eu, preparo logo o timeout e digo: “atenção que podemos pôr o 7x6, tenham calma”(...) mas eu nunca tenho medo de arriscar. Também acho que essa confiança é boa para os jogadores.*”

O T2 concedeu-nos uma resposta reservada, remetendo a sua decisão para um contexto competitivo mais concreto. No entanto, deixou em aberto a possibilidade de utilização das ações em superioridade numérica 7x6 nos momentos finais de jogos equilibrados: “*Podemos desenvolver ou, em*

contrapartida, podemos manter-nos nas ações 6x6. Depende do contexto, ou seja, se necessitarmos de vencer a partida ou se o empate for suficiente para os nossos objetivos. Devemos ter sempre em mente a possibilidade de ter que recorrer ao seu desenvolvimento, mas, como lhe disse, podemos utilizá-las ou não...”

Postura semelhante foi adotada pelo T3, cautelosa no seu discurso, remetendo a decisão a tomar para o contexto competitivo presente da sua equipa: *“É complicado, depende do contexto! Depende do jogo! Eu sei que esta é uma resposta politicamente correta, mas é verdade... se eu precisar de ganhar o jogo, provavelmente vou correr o risco de utilizar o 7x6! Se o resultado, o empate for suficiente, claramente não vou correr esse risco! É preciso perceber se a equipa se sente confortável nos últimos 20 segundos para tomar essa decisão. É verdade, uma coisa é fazer o 7x6 nos 10 minutos da segunda parte, nos 15 minutos da segunda parte quando ainda há tempo para emendar qualquer erro. Nos últimos 20 segundos é um contexto muito complicado de me enquadrar neste momento. Depende do resultado que eu necessitar! Se necessitar de ganhar e se tiver a ter dificuldades, optaria pela realização do 7x6 nos últimos 20 segundos.”*

O conteúdo das respostas conferidas possibilita perceber que a utilização de uma ação ofensiva que comporta tanto risco num período mais antecipado da partida permite às equipas abandonar a estratégia se a mesma não der frutos e voltar a procurar, nas situações de igualdade numérica 6x6, as soluções necessárias para a que a equipa possa inverter a tendência do resultado. Perceção semelhante foi obtida no estudo de Di Gilio (2021), ao verificar que os participantes do seu estudo apontam o resultado e o tempo de jogo como os fatores condicionantes da utilização de ações em superioridade numérica. De acordo com o autor, o tempo de jogo (momentos finais de cada parte), normalmente associado a um resultado negativo, induzem as equipas a procurar contrariar a sua ineficácia ofensiva, recorrendo ao 7x6 como principal solução, na medida em que o acrescento de um jogador adicional no ataque permite tentar equilibrar jogos que se apresentem “desequilibrados”. Por seu lado, Pueo e Espina-Agullo (2017) revelaram que a superioridade numérica ofensiva se apresentou como alternativa viável para diminuir e até contrariar a pressão defensiva do adversário, na medida em que a assimetria numérica dificulta o “ataque ao par”, isto é, a manutenção da relação de oposição direta entre atacantes e defensores, como tal, aumentando o grau de eficácia na concretização. De facto, Bonjour et al. (2021) afirmaram que as ações em superioridade numérica são mais eficazes que as executadas em contextos de igualdade em mais de metade dos ataques que uma equipa realiza.

Não obstante, a utilização deste tipo de ações está longe de ser consensual, tal é considerado o risco que as equipas comportam, sobretudo no que concerne às situações de contra-ataque, as quais comprometem a sua eficácia defensiva (Krahenbuhl et al., 2019). A disponibilidade física que requer esta ação ofensiva é outra das condicionantes à sua aplicação (Piovesan et al., 2020), uma vez que o ataque em superioridade numérica envolve graus elevados de velocidade, sobretudo nas movimentações táticas força, assim

como resistência na durabilidade das ações. Os autores apontam à dificuldade na conquista destas condições pelo facto de os defensores se posicionarem muito próximos da sua área, o que reduz drasticamente o espaço dos atacantes, restringindo os seus processos. Na mesma linha de pensamento, Prudente et al. (2019) mostraram que os padrões de movimento dos atletas se diferenciam de acordo com a sua condição numérica, podendo até aprimorar o comportamento da equipa adversária. Trejo-Silva et al. (2020) analisaram situações de desigualdade numérica por motivos de sanções (exclusões) que ocorrem em torneios de Andebol feminino, verificando que as equipas vencedoras demonstraram ser mais eficazes ofensivamente quando se encontravam inferioridade numérica.

Conclusões

Dada a (des)ordem da natureza do Jogo, não existe uma fórmula específica para tentar resolver os detalhes que o jogo proporciona. O mesmo será dizer que o grau de incerteza é abissal no contexto de competição, derivado das ações de cooperação e oposição constantes em cada segundo da partida de uma qualquer modalidade desportiva, às quais o Andebol não representa exceção. A evolução desta modalidade tem promovido o aumento da sua complexidade, pelo que os treinadores tentam atenuar os efeitos que a panóplia de variáveis poderá causar na obtenção do sucesso das suas equipas.

As dificuldades sentidas na criação de situações de finalização em ações de igualdade 6x6, a necessidade de baixar o ritmo de jogo por diversos motivos, a necessidade de diminuir o contacto entre os defensores e os atletas da primeira linha ofensiva, a existência de soluções de jogo para todo o tipo de sistemas defensivos, a necessidade de contrariar sistemas defensivos profundos com marcação individual ou com um posicionamento exterior são os fatores apontados pelos entrevistados para a utilização das ações em superioridade numérica 7x6. No paradigma inverso, os entrevistados restringem ou inibem a utilização das ações 7x6 pela insuficiência de volume e frequência de treino das mesmas, pela sua utilização em momentos nos quais o resultado se encontra equilibrado ou frente a equipas rápidas a explorar as várias formas de transição ofensivas.

Em modalidades eminentemente táticas como o Andebol, a perícia encontra-se intimamente associada à tomada de decisão, a qual neste contexto assume contornos de elevada complexidade, consequência de um conjunto de fatores e variáveis que advém da multiplicidade de interações que decorrem antes, durante e após o Jogo. Se antes e depois do jogo a forma como o treinador analisa o comportamento da sua formação e a da formação adversária exerce uma enorme influência nas decisões tomadas pelos atletas no jogo ou nas partidas seguintes, com vista ao aprimorar do rendimento dos seus atletas e ao aumento das suas capacidades e competências, durante o jogo, o treinador necessita constantemente de avaliar o êxito da estratégia traçada de modo a tomar as melhores decisões no momento.

Como podemos constatar ao longo deste modesto subsídio, a utilização das ações ofensivas desenvolvidas em superioridade numérica 7x6 são ações que comportam um certo grau de risco. O facto da baliza se encontrar deserta permite em caso de insucesso do ataque à formação adversária visar imediatamente a baliza adversária nos momentos de recuperação da posse. O grau de risco que comporta o desenvolvimento deste tipo de ações pelo motivo supracitado, o score que se verifique em determinado momento do jogo, as necessidades ditadas pelos objetivos competitivos da formação, isto é, a necessidade de vencer a partida versus a satisfação com uma situação de empate, o volume de prática deste tipo de situações no processo de treino e o grau de conforto da equipa e do adversário na defesa a este tipo de ações ofensivas são igualmente fatores que necessitam de ser considerados pelos treinadores na aplicação e na manutenção desta estratégia ao longo do decurso do jogo. Neste aspeto, fruto das ideias que nos foram fornecidas pelos treinadores entrevistados neste estudo, podemos referir que existem algumas influências psicológicas no uso desta estratégia por parte dos treinadores.

Dois dos treinadores entrevistados consideraram que a sua vontade de arriscar (característica que concerne às profundezas da sua personalidade) na utilização desta estratégia, mesmo em contextos de jogo desfavoráveis ou em que o erro poderá ditar a derrota, transmite um nível de confiança aos seus atletas. A sincronia dos jogadores com as decisões tomadas pelo seu treinador potencia o seu rendimento, visto que cria um propósito de sentido a todo o trabalho que é desenvolvido por todo o grupo. Por outro lado, a sua utilização quando a equipa possui os seus processos de jogo bem otimizados por via do seu treino sistematizado poderá conferir um maior grau de conforto aos atletas, na medida, em que os faz acreditar que a equipa possui nesse departamento todas as competências para ser eficaz.

Não obstante a prudência requerida nas inferências enunciadas, limitada pela dimensão da amostra, acreditamos que a perceção da forma como estas variáveis se manifestam nos comportamentos dos treinadores constitui um forte alicerce na melhoria dos programas de treino, do desenvolvimento da prática e das decisões que são tomadas pelos treinadores durante o jogo.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref^a UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Viseu pelo apoio prestado.

Referências

- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bonjour, C., Tortajada, D., Dol, G., & Gonzalez, A. (2021). Repercusiones defensivas del ataque sin portera en el balonmano femenino europeo de élite. *Retos*, 40, 413-418.
- Creswell, J. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. SAGE.
- Damboriena, A. (2017). *Análisis de las diferencias en las tendencias del juego colectivo ofensivo entre el balonmano de élite masculino y femenino*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Facultad de ciencias de la actividad física y deporte da Universidade de León.
- Di Gilio, J. (2021). *O jogador de quadra adicional no Handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia de ensino*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto.
- Guba, E. (1990). *The paradigm dialog*. SAGE.
- International Handball Federation. (2016). *Rules of the Game*. Recuperado em 04 de março de 2023, em <https://www.ihf.info/regulations-documents/361?selected=Rules%20of%20the%20Game>.
- Kovacs, P. (2020). *EHF Men's Euro 2020. Qualitative Analysis*. Recuperado em 04 de março de 2023, em <https://www.eurohandball.com/en/news/en/qualitative-analysis-of-men-s-chf-euro-2020/>.
- Krahenbühl, T., Menezes, R., & Leonardo, L. (2019). Elite coaches' opinion about the additional court player and the strategic tactical structures in handball. *Motriz: Revista de Educação Física*, 25(3).
- Mertens, D. (1998). *Research Methods in Education and Psychology: Integrating Diversity with Quantitative and Qualitative Approaches*. SAGE.
- Maroja, G., Silva, J., Oliveira, V., & Filho, J. (2020). Caracterização do ataque em sistema com a utilização da “baliza deserta” no Handebol Feminino. *Revista Brasileira do Esporte Coletivo*, 4(1), 10-20.
- Piovesan, P., Geremia, J., Luz, C., Menezes, R., & Flôres, F. (2020). Relationship between condition and court position in goal scoring in women's handball. *Journal of Physical Education and Sport*, 20(6), 3607-3613.
- Prudente, J. (2006). *Análise da Performance Tático-Técnica no Andebol de alto nível*. (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade da Madeira.
- Prudente, J., Cardoso, A., Rodrigues, A., & Sousa, D. (2019). Analysis of the influence of the numerical relations in handball during and organized attack, specifically the tactical behaviour of the center back. *Frontiers of Psychology*, 12(10), 24-51.
- Pueo, B., & Espina-Agullo, J. (2017). Relationship between exclusions and final results in European Championships, World Championships and Olympic Games in men's handball 1982-2014. *Journal of Physical Education and Sport*, 17(3), 1158-1162.
- Santos, L., Guimarães, M., Sá, P., & Leite, P. (2015). *Manual do Treinador – Grau III*. Federação de Andebol de Portugal. Recuperado em 04 de março de 2023, em <https://portal.fpa.pt/wp-content/uploads/2019/05/Manual-Andebol-Grau-3.pdf>.
- Santos, L. (2004). *Tendências Evolutivas do Jogo de Andebol. Estudo centrado na análise da performance tática de equipas finalistas em Campeonatos do Mundo e Jogos Olímpicos*. (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP-IUP).
- Santos, L., & Lima, J. (2019). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Instituto Universitário Militar.
- Sousa, D. (2020). A Abordagem Tática ao Jogo e a Avaliação dos Jogos Desportivos Coletivos no Ensino do Andebol. In H. Lopes, E. Gouveia, A. Rodrigues, A. Correia, H. Antunes, & R. Alves (Eds.), *O Potencial Educativo da Educação Física e do Desporto Escolar numa Escola Interativa* (pp. 87–89).
- Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Livros Horizonte.
- Trejo-Silva, A., Camacho-Cardenosa, A., Camacho-Cardenosa, M., Gonzáles-Ramirez, A., & Brazo-Sayavera, J. (2020). Offensive performance under numerical inequality during exclusions in female handball. *Revista Internacional de Ciencias Del Deporte*, 62, 369-409.
- Tuckman, B. (2012). *Manual de investigação em educação: metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica* (4.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.